

A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA DO ESPAÇO ESCOLAR PELA PRÁTICA ARTÍSTICA

*The Perceptual Experience of the School Space through Artistic
Practice*

Rosely Kumm¹

Resumo: A paisagem, para o geógrafo brasileiro Milton Santos, é tudo aquilo que a vista alcança, não apenas as formas, mas também as cores, odores e sons proporcionados pela experiência de habitar um lugar. Sendo ela "tudo que a vista alcança", sua construção depende diretamente da percepção do observador, sendo possível eleger como elementos constituintes desta paisagem produções artísticas de diversas categorias. O presente relato de experiência faz parte de um estudo sobre a paisagem do cotidiano escolar e como as múltiplas propostas artísticas podem mudá-la e ressignificá-la. Ao levar este estudo para o ambiente educacional, pretende-se investigar quais as percepções da criança em relação à paisagem cotidiana, desenvolvendo senso crítico, e evidenciando sua atuação como protagonista neste meio.

Palavras-chave: paisagem. experiência perceptiva. arte educação. instalação.

Abstract: *The landscape, for Brazilian geographer Milton Santos, is everything that the eye can see, not just the shapes, but also the colors, smells and sounds provided by the experience of inhabiting a place. Since it is "everything that the eye can see", its construction depends directly on the observer's perception, making it possible to select artistic productions from different categories as constituent elements of this landscape. This experience report is part of a study on the landscape of everyday school life and how multiple artistic proposals can change and give new meaning to it. By taking this study to the educational environment, we intend to investigate the child's perceptions in relation to the everyday landscape, developing critical sense, and highlighting their role as protagonists in this environment.*

Keywords: *landscape. perceptual experience. art education. installation.*

¹ Especialista em pintura pela Escola de Artes Oswaldo Verano no estado, de Goiás; estudante da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo; integrante do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (Leena/Ufes).

Introdução

Definições são essencialmente simplificadoras. Elas carregam a função de reduzir as probabilidades do real no intuito de que possa ser compreendido em seus traços mais simples. Da mesma forma, o termo “paisagem” é um esforço de reduzir, numa única ideia sintetizada, o irrepresentável da natureza. O pesquisador espanhol, Javier Maderuelo (1950-), ao iniciar um diálogo sobre a definição de paisagem, cita um poema de Kim Byung-bom (1807-1863), um poeta coreano que, em sua primeira viagem às Montanhas de Diamante, escreveu com intuito de expressar sua incrível experiência contemplativa diante do ambiente na qual se encontrava (Maderuelo, 2015, p. 23). Nesse contexto, Maderuelo busca evidenciar que a existência da palavra “paisagem”, resulta da necessidade de expressar, mesmo que de maneira sintetizada, as diversas percepções e sentimentos subjetivos despertados no ser humano enquanto ele contempla a natureza.

Este pareado, que es considerado una de las joyas de la poesía coreana, resume la idea de paisaje, para ello recurre a la enumeración de algunos pocos elementos físicos significativos, cuales son: pino, abeto, arroyo e monte que sintetizan los doce mil picos y las mil cien cascadas que componen el conjunto paisajístico. (Maderuelo, 2015, p.23).

Há uma sutil diferença entre os conceitos de Maderuelo e do geógrafo brasileiro, Milton Santos (1926-2001). Se, para Maderuelo, paisagem é o que se vê, para Milton Santos, “é tudo aquilo que a vista alcança, não apenas as formas, mas também as cores, odores e sons proporcionados pela experiência de vivenciá-la (Santos, 1991, p.61)”. Logo, sendo ela “tudo que a vista alcança”, a paisagem também pode ser compreendida como uma representação obtida a partir da impressão que seus habitantes têm ao percorrê-la todos os dias. Sua imagem é o resultado da relação entre o homem e seu entorno, da experiência individual ou coletiva de habitar o espaço; sendo projetada e construída refletindo uma cultura

predominante que se encontra presente nas edificações, nas praças e no conjunto de cores que pairam sobre suas ruas. Segundo Maderuelo (1950-), paisagem “não é uma coisa [...] tampouco é a natureza”, mas um emaranhado constructo de diversas variáveis sensíveis, psicológicas e afetivas que são elaboradas na mente humana, através dos fenômenos culturais de acordo com o tempo histórico e ambiente específico.

(...) el paisaje no es una cosa, no es un objeto grande ni un conjunto de objetos configurados por la naturaleza o transformados por la acción humana. El paisaje tampoco es la naturaleza ni siquiera el medio físico que nos rodea o sobre el que nos situamos. El paisaje es un constructo, una elaboración mental que los hombres realizamos a través de los fenómenos de la cultura. (Maderuelo, 2016, p. 17).

Seguindo nossa necessidade de demarcar, mesmo que com a ciência de que a demarcação simplifica, outro geógrafo relevante na pesquisa sobre paisagem é o chinês-americano Yi-Fu Tuan (1930-2022). Em sua obra “Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência” (1983), ele evidencia que a visão de mundo humano se dá pela relação das pessoas com a natureza do ambiente, na qual desenvolvemos sentimentos pelo espaço experienciado. Segundo Tuan, a vida é cíclica; quando nasce, o ser humano é iniciante e “não é capaz de distinguir entre o eu e o meio ambiente externo. Ela (a criança), sente, mas suas sensações não estão localizadas no espaço” (Tuan, 1983, p. 23). Porém, no decorrer das etapas da vida, desenvolve suas habilidades através da experiência de habitar o mundo. À medida que um espaço se torna familiar, deixa de ser espaço para se tornar lugar. Nesse sentido, Tuan se aproxima de Maderuelo, ao entender que o conceito/percepção de paisagem é cultural e adquirida com o tempo.

Devido a suas características subjetivas, a paisagem sempre atraiu a atenção de artistas e, ao analisar a história da arte, sua trajetória se estende por vários movimentos. O período pós-guerra, sobretudo a década de 1960, reexamina o modernismo e retoma a discussão sobre a paisagem em sua totalidade semântica. Por certo que, a partir deste momento diversas

linguagens artísticas surgiram em busca de novas possibilidades de criação, que, inclusive, se expandem para além do espaço do ateliê ou da galeria, se projetando para a natureza, rumo ao espaço da vida. A exemplo disso, o Minimalismo e a Land Art são movimentos artísticos que surgiram nessa mesma época, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, expandindo-se para o restante do mundo.

Para tanto, o reconhecimento desses registros produzidos pelo homem até a contemporaneidade contribui para o próprio conhecimento da história humana e suas peculiaridades mais fiéis. Assim, cabe ao ser humano observar o ambiente a sua volta, ou seja, sua rua, sua casa, seu bairro, havendo para si uma paisagem, fruto elaborado de um processo mental. Diante desse contexto, a presente sequência didática, cujo tema é “Explorando a Paisagem: uma aventura pelo espaço cotidiano”, buscou refletir sobre a percepção espacial, com intuito de reconhecer como a criança em idade escolar compreende o ambiente cotidiano e quais as possibilidades de promover práticas que a aproximem afetivamente da arte disponível ao seu redor.

Diante disso, o projeto propõe uma reflexão que direciona os estudantes a olharem o espaço cotidiano, identificando os elementos que compõem essa paisagem. Não obstante, buscou, também, através de uma atividade artística de inserção e interferência no espaço, expor aos estudante sua própria capacidade de intervir e contribuir, usando da arte para transformar o espaço cotidiano. Logo, é importante destacar que, ao se reconhecer como integrante ativo desses espaços, esta proposta também incentiva os estudantes a desenvolverem suas habilidades de análise crítica. Uma vez que refletir sobre como a arte contemporânea pode interferir na paisagem é uma prática que parece contribuir para que os estudantes desenvolvam consciência da presença da arte no dia a dia.

Metodologia da atividade

A atividade aqui relatada integra um conjunto de ações educativas que visam a minha formação como licencianda em Artes Visuais. Na prática, esse tema foi direcionado como proposta pedagógica durante uma sequência didática do estágio obrigatório do Curso de Artes Visuais da Ufes, previsto para acontecer em 4 aulas de 50 minutos, uma a cada semana, no 5º ano do Ensino Fundamental. Buscou-se rever os espaços habitados e circulados no cotidiano das crianças, de modo a estimular sua melhor percepção sensível do seu território vivido.

Num primeiro momento, a temática do projeto foi apresentada a partir de uma reflexão de como é o trajeto de casa até a escola, ou seja, quais as percepções das crianças em relação ao percurso cotidiano de casa até o espaço escolar, e do espaço escolar até em casa; embora semelhantes, essas percepções podem ser alteradas em função de algum fato novo, evidenciado na escola, e que pode afetar os modos de perceber o entorno, o ambiente. A reflexão causou muita comoção em levantar a mão, ouvir e falar quais foram suas próprias observações. Ocorreram falas como: No ônibus estava cheio e fazia bastante barulho; Eu venho de bicicleta com meu pai; Por onde eu passei tinha cheiro de lixo; Eu vi um cachorro e muitos pássaros no caminho pra escola.

Foi possível perceber que havia entusiasmo ao relatar suas perspectivas diárias do percurso rotineiro. Suas impressões pareceram produzir significados particulares dignos de representações artísticas. Assim, a tarefa seguinte foi sair da sala de aula e observar, usando um pequeno visor feito de papelão, para, em seguida, registrar, no caderno de desenhos, um esboço do que foi captado.



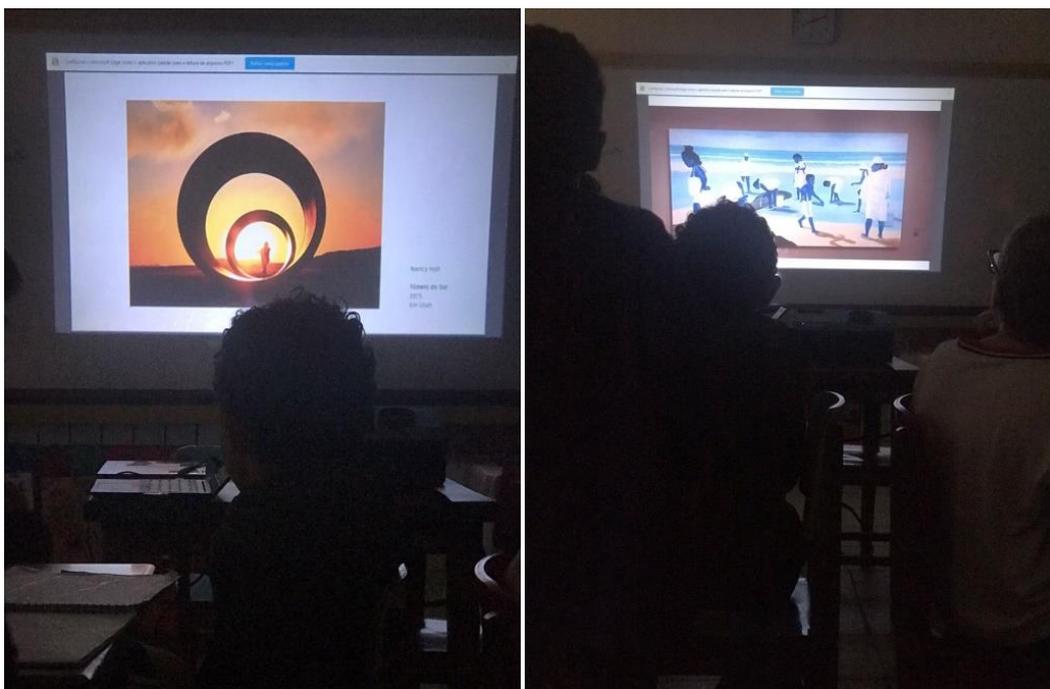
Figura 1. Observando o pátio da escola. Fonte: acervo da autora. Três estudantes observando o espaço escolar com um visor feito de cartolina. As estudantes, de cabelos longos, estão de costas para a câmera. A estudante da esquerda está mais próxima da câmera e segura um quadrado de papel grosso, como uma pequena janela. Diante das estudantes, há um espaço de terra, seguido de um espaço gramado, com duas árvores antes de uma quadra de esportes gradeada. Ao fundo, à esquerda, percebe-se o prédio de salas de aula com telhado baixo e toldos verdes e cinzas sobre as janelas.

Diante dessa proposta de pensar os espaços escolares como referência para práticas artísticas, pude perceber, como pesquisadora, que, aparentemente, essa experiência despertou uma reflexão sobre as relações pré-estabelecidas

entre o ambiente e os sujeitos. A partir dos desenhos que resultaram dessa prática, foi possível observar uma preocupação de representar um ambiente que eles ocupam rotineiramente, porém, não olhavam de fato.

A aula seguinte propôs a leitura imagética de obras artísticas, exemplificando as diversas possibilidades desenvolvidas por artistas contemporâneos para explorar a paisagem cotidiana. A primeira artista apresentada foi a capixaba Kika Carvalho, que, atualmente, desenvolve um trabalho que busca valorizar a figura da pessoa negra na sociedade através da cor azul.

A cor azul, na antiguidade clássica, era um pigmento muito valioso, usado apenas para pintar vestimentas de personagens muito relevantes ou figuras sagradas. Em suas obras, Kika representa seus personagens negras não apenas vestidas de azul, mas azuis por completo. Logo, sua obra nos foi relevante para o desenvolvimento desse projeto de estágio, pois apresenta uma perspectiva bem pessoal de representar a paisagem através da cor azul.



Figuras 2 e 3. Leitura de imagens. Fonte: acervo da autora. Apresentação de obras e artistas que interagem com o espaço de diferentes formas. Na figura da esquerda, silhueta de criança em sala escura com imagem de projeção de fotografia de uma escultura de dois círculos concêntricos com uma figura humana ao fundo. Na figura da direita, mesma sala, com silhuetas de mais duas crianças e projeção de fotografia de uma pintura de pessoas negras.

Outra artista apresentada nesse momento foi a norte-americana Nancy Holt (1939-2014), e sua instalação *site specific* conhecida como “Túneis do Sol” (1973), que fica no deserto de Utah, nos Estados Unidos da América. Essa obra consiste em enormes tubos de concreto instalados com precisão para enquadrar não apenas a paisagem, mas também os padrões em constante mudança da luz do sol, e conforme o entardecer, o céu estrelado.

Por fim, foi apresentada a obra “Ttéia”, de Lygia Pape (1927-2004), que, atualmente, está no Museu Inhotim, no interior de Minas Gerais. “Ttéia” é uma instalação resultante das experiências que a artista iniciou em 1977, com seus estudantes no Parque Lage (Rio de Janeiro), a partir da observação das teias de aranha na natureza, e de como a estrutura desaparecia e aparecia conforme a incidência da luz. Os fios de cobre desenham uma série de filamentos, lembrando colunas que, com o efeito da linha e da luz, se deixam ver ou se ocultam, enquanto caminhamos ao seu redor. A obra “Ttéia” foi a principal inspiração para a elaboração das atividades práticas, a serem realizadas no pátio da escola, na semana seguinte.

Na terceira etapa dessa sequência didática, foi proposto realizar, no pátio da escola, uma interferência no ambiente, através de uma instalação com barbante de diversas cores e espessuras, inspirada na obra de Pape. Observando os elementos do pátio da escola, foi escolhida uma área que melhor atenderia a essa proposta. Cada criança recebeu barbante e pôde amarrar seus fios da forma que quisesse, usando como apoio a grade da quadra esportiva, os galhos e o tronco das árvores próximas.



Figura 4: Construindo uma instalação usando barbante. Fonte: arquivo pessoal da autora. Estudante que participou da construção da instalação de barbante atravessa a obra escolhendo amarrar mais uma ponta de linha. A imagem mostra o tronco e as pernas de uma criança de uniforme, à esquerda, e o tronco de uma goiabeira, à direita. Entre as duas, atravessam linhas de barbante rosa. A criança, de costas para a câmera, segura uma faixa amarela, enlaçada no tronco da árvore. Ao fundo, percebe-se outra criança, o gramado, a grade da escola, seguida de carros em um estacionamento e uma área arborizada.



Figura 5: Desenhos na areia interagindo com a instalação em barbante. Fonte: acervo da autora. Estudante desenha na areia usando galhos e materiais orgânicos encontrados no mesmo espaço em que constroem a instalação em barbante. À esquerda, a fotografia mostra tronco, pernas e braços da criança, em um ângulo de cima para baixo. Ao centro, no chão de areia, há duas pedras quebradas e os desenhos de dois peixes feitos com linhas grossas marcadas na areia.

Essa proposta foi planejada não apenas com objetivo de fazer a intervenção no espaço escolar. A partir dessa experiência, também pretendíamos proporcionar a exploração do espaço quando da obra “terminada”. Assim, paralela à construção da instalação de barbante, foram dispostos, no mesmo pátio, galhos secos, folhas e pedrinhas, que resultaram em brincadeiras de desenhos na areia, simulando animais, uma pequena “cidade”, a construção de “pontes” e a livre transposição entre um trabalho e outro.

Por último, foi oferecido, pela professora regente da turma e minha supervisora do estágio, um túnel de tecido sintético, no qual as crianças experimentaram a travessia, sendo uma referência direta aos “Túneis Solares” da artista Nancy Holt. Enquanto toda a prática acontecia, foram feitas imagens dos processos que, depois, foram editadas em um pequeno vídeo. Tal vídeo foi exibido na última etapa dessa sequência didática, como forma de avaliação. As crianças, ao assistirem ao vídeo, puderam relembrar aquele momento e, assim, relatar suas impressões sobre a experiência de interagir com o espaço escolar.

Resultados e discussões

A princípio, a emoção proporcionada ao levar uma pesquisa desenvolvida durante a graduação para o ambiente educacional foi como tornar palpáveis todas as ideias adquiridas durante os anos de estudo meditativo e particular. Isso é universidade. Logo, assim como o ambiente cotidiano é compartilhado por diversos estudantes todos os dias, da mesma forma, esta pesquisa foi experienciada, de modo que não pertence somente a mim, mas a todos que a tornaram viva.

Maderuelo reflete que a paisagem é um emaranhado de diversas variáveis sensíveis, psicológicas e afetivas, elaboradas na mente humana, através da experiência contemplativa. Ademais, Yi-Fu Tuan acrescenta que, de acordo com o tempo e ambiente específico, o ser humano desenvolve relações afetivas com os espaços. A partir do estudo de ambos os autores,

desenvolvi uma sequência didática que explora o espaço escolar de forma poética; desencadeei uma série de entendimentos acerca das possibilidades criativas do ambiente, que, no caso, foi esteticamente apropriado como suporte, matéria e meio da intervenção artística.

Essa proposta foi adaptada para uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, e foi possível perceber, a princípio, que existia um acordo pré-estabelecido de que, na escola, havia um espaço específico para cada atividade: a sala de aula é de estudar; a sala de artes é de estudar artes; o pátio é para brincar; o refeitório é para fazer as refeições. Assim, quando os estudantes foram apresentados às atividades artísticas fora da sala de artes, ao ar livre, subverteu-se um conceito predeterminado sobre esses espaços, pois o pátio, que era espaço só de brincar, se tornou “sala de artes”, o que inicia uma reflexão crítica sobre espaço e lugar.

Segundo Tuan, a visão de mundo humano se dá pela relação das pessoas com a natureza do ambiente. Nessa relação, desenvolvemos sentimentos pelo espaço experienciado. Ou seja, o ambiente não é apenas captado pelas características visuais, mas por tudo que o observador sente fisicamente, sendo agradável ou ruim. Diante disso, torna-se possível que a experiência sensível em relação ao espaço escolar se desenvolva a partir da percepção dos pequenos detalhes vivenciados no cotidiano, conforme o tempo de experiência, que contribui para construção gradual, desde criança até a fase da juventude, do sentido espacial. Diante disso, essa proposta manteve-se conectada com as sutis transformações de cada entorno, tentando transmitir aos estudantes as variadas nuances da aparente monotonia do cotidiano no espaço escolar.

Diferente das obras apresentadas como referência para realizar as práticas artísticas desse projeto de estágio, a instalação em barbante possui um caráter de efemeridade que previmos ser gradual, permanecendo no pátio por alguns dias, até que as próprias crianças viessem a desfazer a obra. Porém, foi o contrário, tanto da parte dos estudantes do 5º ano envolvidos na construção da obra, quanto da professora regente e de todo corpo

docente, que desenvolveram um sentimento de afeto pelo trabalho, preservando a obra para que se mantivesse por mais tempo. Assim, na semana seguinte a da construção artística, a obra ainda permanecia intacta no pátio da escola.

Como dinâmica avaliativa e conclusão da sequência didática, foi produzido e apresentado aos estudantes um pequeno vídeo de três minutos, a partir do qual eles puderam lembrar a experiência e relatar as impressões. Conforme os estudantes relataram suas percepções, a fala de um estudante em especial, me comoveu bastante, pois ele percebeu o que, como arte educadora, eu almejava alcançar: “Enquanto amarrava minhas lindas senti que estava desenhado no ar.”

Diante disso, pude sentir o entusiasmo da turma na qual essa pesquisa foi apresentada e presenciar o despertar de um sentimento amplo de pertencimento, não apenas da obra, mas do espaço, que se tornou um lugar

Referências

MADERUELO, Javier. **Aquello que Llamamos Paisaje**. Revista Farol. nº9. Ufes: Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2015. pp.: 23-30. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11359>. Acesso em: 01 out. 2023.

— **El paisaje: génesis de un concepto**. 2. ed. Madrid: Abada, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço habitado**. Editora: hucitec - 2º ed. - São Paulo, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em: 24 de outubro de 2023.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.